

Boneca Emília: design, identidade, materiais e cultura.

Emília Doll: design, identity, materials and culture

MACIEIRA, Cássia; Doutora; Universidade do Estado de MG.

cassia.macieira@uemg.br

Resumo:

Este projeto visa discursar sobre a boneca Emília sob a perspectiva formalista e cultural, a partir da admissão de que tal artefato é muito conhecido no Brasil pelo design alegre e colorido, alinhado à popularidade alcançada por meio da literatura e da série televisiva Sítio do Pica-pau Amarelo. Na indústria de brinquedos, a boneca teve sua primeira versão em tecido, em 1954 e em 1977, ganhou uma edição de material híbrido – polímero e têxtil, e há 5 décadas é comercializada em diferentes formas e tamanhos. A metodologia aplicada no presente estudo é de observação e análise crítica comparativa. O referencial teórico baseou-se na percepção dos conceitos de identidade e cultura (Stuart Hall), design x sociedade (Dijon de Moraes); design x tecnologia (Gui Bonsiepe), transposição visual (Claus Clüver), bem como nos inúmeros trabalhos acadêmicos sobre a obra literária de Lobato.

Palavras-chave: Design; Brinquedo; Boneca.

Abstract:

This project aims to discuss the Emília doll from a formalist and cultural perspective, based on the admission that this artifact is well known in Brazil for its cheerful and colorful design, in line with the popularity achieved through literature and the television series Sítio do Yellow Woodpecker. In the toy industry, the doll had its first fabric version, in 1954. In 1977, it won an edition of hybrid material – polymer and textile, and for 5 decades it has been marketed in different shapes and sizes. The methodology applied in the present study is observation and comparative critical analysis. The theoretical references were based on the perception of the concepts of identity and culture (Stuart Hall), design x society (Dijon de Moraes); design x technology (Gui Bonsiepe), visual transposition (Claus Clüver), as well as in the numerous academic works on Lobato's literary work.

Keywords: Design; Toy; Doll.

Em 2020, a personagem Emília (ou Marquesa de Rabicó), de Monteiro Lobato (1882 – 1948), fez 100 anos de nascimento, desde sua estreia na obra *A menina do narizinho arrebitado*, de 1920. A literatura de Lobato foi arrebatadora e contemplada em diferentes mídias: em 7 de setembro de 1922, a obra supracitada foi narrada por uma rádio do Rio de Janeiro; em 1947, ganhou adaptação para o teatro; em 1951, os personagens apareceram na extinta TV Tupi e no filme *O Saci*, dirigido por Rodolfo Nanni (aparição da boneca falante, interpretada pela atriz Olga Maria¹). Somente em 1954 foi comercializada a primeira versão da boneca, em tecido, na antiga Loja Mesbla. A empresa Estrela produziu vários modelos de Emília durante o século XX, lançando o exemplar com cabeça de vinil e corpo de tecido em 1977 (divulgado no catálogo de 1978). Antes da composição híbrida (vinil e têxtil) houve a boneca de plástico rígido (polímero), criada em 1953 também pela Estrela para as Cestas de Natal Amaral "Fortuna Fatura" e teve como referência estética a caracterização da personagem interpretada pela atriz Lúcia Lambertini e seus cílios enormes.

Figura 1 – Emília (duas atrizes que interpretaram a personagem e dois modelos de bonecas da Estrela)



- Legenda: a) Lúcia Lambertini (interpretou Emília na TV Tupi entre 1952 e 1965)
b) Primeira boneca de polímero (1954)
c) Anúncio sobre a Boneca Emília (Estrela)
d) Anúncio sobre a Boneca Emília (Estrela)

Fonte: Disponível em: <anacaldatto.blogspot.com/2011/09/colecao-antiga-boneca-emilia-boneca-de.html>. Acesso em: 22 mar. 2022

Em 2021, como edição comemorativa, a Estrela reproduziu a boneca Emília e proporcionou a nostalgia da década de 1980, alterando alguns detalhes da boneca: mais cílios, fitas sintéticas e sem acabamento, supressão da correntinha no pescoço (um dos símbolos de autenticidade do brinquedo para colecionadores): "A boneca mais sapeca e atrevida da TV está de volta. A boneca Emília vive fazendo travessuras

¹ Disponível em: <<https://saopauloparacrianças.com.br/ai-meu-coracao-estrela-lanca-boneca-emilia-do-sitio-do-picapau-amarelo-no-centenario-da-personagem-de-monteiro-lobato/>>. Acesso em: 22 mar. 2022.

pelo sítio e voltou para fazer companhia para você levar para onde quiser. Com corpo de pano e cabeça de vinil, ela chegou para aquecer o seu coração.”² Importante lembrar que a Estrela iniciou seus negócios comprando a fábrica Manufatura de Brinquedos Estrella, do italiano Constantino Tonatti, em 1937, que produzia bonecas de pano, como afirma a alemã Alma Heimann em sua biografia *Raízes de Família* (2008). Heimann esteve por meio século (de 1937 até 1992) definindo escolhas estéticas na criação das bonecas para as crianças brasileiras.

A boneca Emília é um objeto cultural de identidade nacional, transcriada da literatura, mas que conquistou leitores-espectadores ou espectadores-leitores através da TV: “Mas como é que a boneca de pano, ‘feiosa’, ‘com seus olhos de retrós preto e as sobrancelhas tão lá em cima que é ver uma cara de bruxa’ [...] se firmou no imaginário nacional?”³ Tal resposta pode ser confirmada por razões variadas; entretanto, mesmo sendo adaptada, interpretada, midiaticizada, transcriada e transfigurada em diferentes “identidades”, as criações de desenhistas e designers mantiveram a atração e o humor da boneca. Talvez a personalidade de Emília tenha contribuído para tudo isso uma vez que “Emília [é] uma irreverente boneca de pano, que parece gente” (CECCANTINI, 2009, p. 78).

Figura 2 – Primeira versão da Boneca Emília (Estrela), em 1954



- Legenda: a) Lúcia Lambertini com várias bonecas
a) Boneca Emília (feita de pano)
b) Anúncio. Desenho da comercialização da Boneca Emília, para a Mesbla
c) Boneca Emília, 45cm, primeira da série Sítio do Pica-pau Amarelo (TV Tupi)

Fonte: Disponível em: <<https://anacaldatto.blogspot.com/2011/09/colecao-antiga-boneca-emilia-boneca-de.html>>. Acesso em: 22 mar. 2022

Na imagem acima, tem-se a boneca Emília, criada a partir da caracterização de Lúcia Lambertini. A obra lobatiana e a de Mauricio de Sousa possivelmente são as criações brasileiras que mais foram transmediatizadas e licenciadas em produtos para a infância: inúmeros artefatos, HQs, CDs, DVDs, peças de teatro, séries televisivas e animadas,

² Disponível em: <https://www.estrela.com.br/boneca-emilia-sitio-do-pica-pau-amarelo-estrela-100557176_est_pai/p>. Acesso em: 22 mar. 2022.

³ Disponível em: <<https://www.blogdaletrinhas.com.br/conteudos/visualizar/As-muitas-Emilias-criadas-pelos-ilustradores>>. Acesso em: 22 mar. 2022.

filmes etc. – mercadorias e bens consumidos devido aos conceitos a eles agregados, como: infância, brincar, imaginário.

Nos anos 1980, a boneca Emília com cabeça de vinil e corpo de tecido estampado recebeu a seguinte legenda nas publicidades impressas: *“Emília – A boneca do Sítio do Pica-pau Amarelo. Cabeça de Vinil. Corpo totalmente flexível. Cabelo enraizado. Olhos de dormir. Acondicionada em linda caixa litografada.”*⁴ Na mesma década, surgiu novo modelo: *“Emília. 32cm. Cabeça de Vinil. Corpo totalmente flexível. Cabelos em fios de lã. Olhos Pintados”*. Sabe-se que, como estratégia de venda, a boneca era anunciada em revistas femininas, gibis e na TV – quando ainda se podia vincular propagandas direcionadas a crianças⁵ durante a programação infantil. Percebe-se que os anúncios mesclam informações técnicas e características da personagem de Lobato, promovendo assim, um vínculo de afeto [e outros] com o consumidor (criança e adulto).

Emília, ficcionalmente, nasce pelas mãos de Tia Anastácia, confeccionada em material têxtil. Com o tempo, a personagem Emília assume valores simbólicos para além da literatura, pois, ao ser transcrita em artefato, adquiriu características visuais a partir da modelagem (design) que não estavam presentes no texto verbal. Do mesmo modo, a caracterização da boneca para o meio televisivo foi transportada para o brinquedo e gibis, configurando camadas perceptivas que podem ter relação com as inúmeras ilustrações que a obra lobatiana ganhou, ou não. A própria Emília (Monteiro Lobato) se auto define:

BONECA, minha cara, é o feminino de BONECO, palavra que veio do holandês MANNEKEN, homenzinho. Houve mudança do M para o B, duas letras que o povo inculto costuma confundir. A palavra MANNEKEN entrou em Portugal transformada por BANNEKEN, ou BONNEKEN, e foi sendo desfigurada pelo povo até chegar à sua forma de hoje, BONECO. Dessa mesma palavra holandesa nasceu para o português uma outra, MANEQUIM (ACIOLI, 2014, p. 51).

Se Emília nasce de pano, feita de retalhos por Tia Anastácia, e a Estrela, nos anos 1980, mantém parte da correlação com o texto verbal ao criar uma boneca de composição híbrida (cabeça de borracha e corpo de tecido), está adicionada, assim, uma nova “camada imagética perceptiva” para o espectador do Sítio do Pica-pau Amarelo.

⁴ Disponível em: <<https://anacaldatto.blogspot.com/2011/09/colecao-antiga-boneca-emilia-boneca-de.html>>. Acesso em: 22 mar. 2022.

⁵ O Código de Defesa do Consumidor (Lei nº 8.078/1990) diz que direcionar publicidade para o público infantil é prática abusiva e ilegal. Isso vale para qualquer produto ou serviço, em qualquer meio de comunicação ou espaço de convivência da criança. O Marco Legal da Primeira Infância (Lei nº 13.257/2016) determina a proteção da criança contra toda forma de violência e pressão consumista. Disponível em: <<https://criancaeconsumo.org.br/noticias/publicidade-infantil-ja-e-ilegal-e-precisa-continuar-assim/>>. Acesso em: 20 fev. 2022.

⁶ Disponível em: < <https://saopauloparacrianças.com.br/ai-meu-coracao-estrela-lanca-boneca-emilia-do-sitio-do-picapau-amarelo-no-centenario-da-personagem-de-monteiro-lobato/>>. Acesso em: 22 mar. 2022.

Apesar de constar apenas no catálogo da Estrela de 1978, a boneca Emília foi lançada para a semana das crianças de 1977 – a atriz Dirce Migliaccio já fazia muito sucesso na série Sítio do Pica-pau Amarelo, na Rede Globo, desde março de 1977. Segundo a especialista em bonecas e brinquedos antigos, a colecionadora Ana Caldato, a Boneca Emília da Estrela foi produzida de 1977 até 1986 – dez anos que fizeram dela uma das bonequinhas de pano mais vendidas da história. Ela teve diversos modelos – tinha até a Emília Cirandinha, que girava e dançava, a Emilinha, que cabia na palma da mão, e a Emília versão fofote.⁶

Entende-se que não havia correferência do brinquedo com a Emília-atriz; nem mesmo nos cabelos, uma vez que a intérprete usava peruca de retalhos de tecidos e maquiagem amarela, enquanto a boneca da Estrela tinha cabelos feitos de fios de lã e pele rosada. Também se presume que, incorporar perceptivamente a transposição visual da boneca da literatura para a atuação de uma atriz, demanda que o receptor ative a carga imaginária de sua infância.

Emília é tão presente na vida das/os leitoras/es brasileiros que sua autobiografia, em *Memórias da Emília* (LOBATO, 1954-2002), aponta caminhos para entender a força perceptiva no imaginário nacional. Tem-se, por exemplo, o riso quando Dona Benta e os outros personagens espantam-se com a intelectualidade e presunção da boneca.

Figura 3 – Emília e seu péssimo hábito de mostrar a língua para Tia Nastácia.
Ilustração de Jean Villin/1906-1979, de 1929, para o livro *O irmão de Pinocchio*



Fonte: Acervo Magno Silveira. Disponível em:
<<http://ameninacentenaria.bbm.usp.br/index.php/ilustradores/>>. Acesso em: 22 mar. 2022

Ela é uma criatura incompreensível, fala tanto asneiras quanto coisas sábias, tem “saídas” para tudo, não se aperta tampouco se atrapalha. Para alguns, Emília não tem coração. Mas segundo ela:

[...] nasci duma saia velha de Tia Nastácia. E nasci vazia. Só depois de nascida é que ela me encheu de pétalas duma cheirosa flor cor de ouro que dá nos campos e serve para estufar travesseiros.

– Diga logo macela que todos entendem.

– Bem. Nasci, fui enchida de macela que todos entendem e que fiquei no mundo feito boba, de olhos parados, como qualquer boneca. E feia. Dizem que fui feia que nem uma bruxa. Meus olhos Tia Nastácia os fez de linha preta. Meus pés eram abertos para fora como pés de caixeirinho de venda [...] (LOBATO, 1954, p. 12).

O gesto de Monteiro Lobato em inserir na literatura para a infância uma boneca falante tem fundamentos diversos. É certo que, no Brasil, fazer bonecas de pano é habilidade natural do universo feminino e se sabe também que o próprio autor buscava, no cotidiano, referências culturais brasileiras para sua ficção. Especula-se que batizar a boneca de Emília fora homenagem à amizade com o educador Anísio Teixeira e sua esposa Emília. Ainda, Lobato pode ter sido influenciado por:

Diversos bonecos falantes permeiam a literatura infantil, desde Pinóquio. Sem dúvida, a literatura de L. Frank Baum deve ter influenciado Lobato, como todos aqueles que lhe foram pósteros e se aventuraram na escrita infantil. *O Espantalho* e até mesmo *The Patchwork Girl of Oz*, certamente foram bases sobre as quais nasceu Emília. Uma boneca em especial existe no conto russo *A bela Vasilissa*. A personagem-título do conto é possuidora de uma boneca abençoada por sua mãe, que ganha vida ao ser alimentada. Quando a menina acaba prisioneira da bruxa Baba Yaga, a pequena boneca a ajuda a executar os trabalhos impostos pela feiticeira, e mais tarde a ajuda a escapar, pois a feiticeira tinha aversão a objetos e pessoas abençoados. Curiosamente, a personagem Vasilissa, assim como Narizinho, também se casa com um rei ao final do conto.⁷

Figura 4 – *The Patchwork Girl of Oz*, livro de L. Frank Baum (1913)
e cena do filme homônimo, de 1914, com direção de J. Farrell MacDonald

⁷ Disponível em: <<https://stiodopicapalamarelo.fandom.com/pt-br/wiki/Em%C3%ADlia>>. Acesso em: 20 fev. 2022.



Fonte: Disponível em: <<https://stiodopicapalamarelo.fandom.com/pt-br/wiki/Em%C3%ADlia>>. E, <https://www.pbagalleries.com/view-auctions/catalog/id/471/lot/154648/The-Patchwork-Girl-of-Oz?url=%2Fview-auctions%2Fcatalog%2Fid%2F471%2F> Acesso em: 22 mar. 2022

Nas imagens a seguir todas as Emílias possuem o mesmo traço de similaridade com a boneca de pano, ou seja; o caráter não humano está bem marcado, fortalecendo o laço com a ficção lobatiana. Lobato, inclusive, autorizou que inúmeros artistas representassem seus personagens; daí a diversidade de ilustrações. Contudo, por haver falecido em 1948, com apenas 61 anos, não chegou a conhecer as bonecas feitas pela Estrela.

Figura 5 – Emília, pelo traço de diferentes desenhistas



Fonte: Lobato, Monteiro. *Memória da Emília*, Editora Biblioteca Azul, 2017.

De visão futurista, o autor-editor Monteiro Lobato foi um incansável produtor de suas obras e firmou inúmeras parcerias com ilustradores. No decorrer do século XX, pode-se atestar que seus personagens tiveram as identidades livremente interpretadas nas ilustrações e, ainda assim, são apreciados até hoje. Convém ressaltar os artistas Belmonte e Le Blanc:

[...] A Emília de Belmonte é uma ‘gentinha’ (como escrevia Lobato) magra e empinada – o que era uma das posturas características da boneca, com as mãos na cintura, senhora de si e do mundo. É assim que ele a representa, com um sorriso de mofa, diante da velha Ortografia Etimológica com as mãos na cabeça diante de um monte de letras dobradas que Emília tinha arrancado das palavras. [...] Como contraponto para as ilustrações de Belmonte, vale lembrar que Le Blanc (1921), outro conhecido ilustrador de Lobato, em sua caracterização gráfica de Emília, desfigura inteiramente a personagem principal do escritor, a porta-voz de suas ideias e de sua coragem e determinação em enfrentar as mais difíceis situações. Emília é transformada numa bonequinha com cara de nenê, rechonchuda e ingênua; trai assim totalmente a causticidade de Lobato, aquilo que ele tinha de melhor como educador emancipatório, ao cutucar o espírito crítico das crianças, numa época de extremo autoritarismo na educação [...] (LAJOLO, 2019, p. 57).

Figura 6 – Emília, pelos traços de Belmonte e Lole



Legenda: a) Emília e Dona Benta (Belmonte, 1934)
b) Emília na ilustração de Lole

Fonte: LAJOLO, Marisa (Org.). *Monteiro Lobato: Reinado de Narizinho*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2019, p. 61

As duas ilustrações anteriores estão separadas por 85 anos. Nota-se que, na primeira, Emília é bem pequena; na segunda, ela é pequena em relação a Narizinho. Na TV, a personagem sempre foi interpretada por adultas e somente em 2001 uma criança ocupou o lugar. No nicho “brinquedos”, sabemos que a boneca é uma representação

do ser humano, mas na TV brasileira Emília virou protagonista e cresceu em todos os aspectos.

Figura 7 – Emília, em diferentes traços.

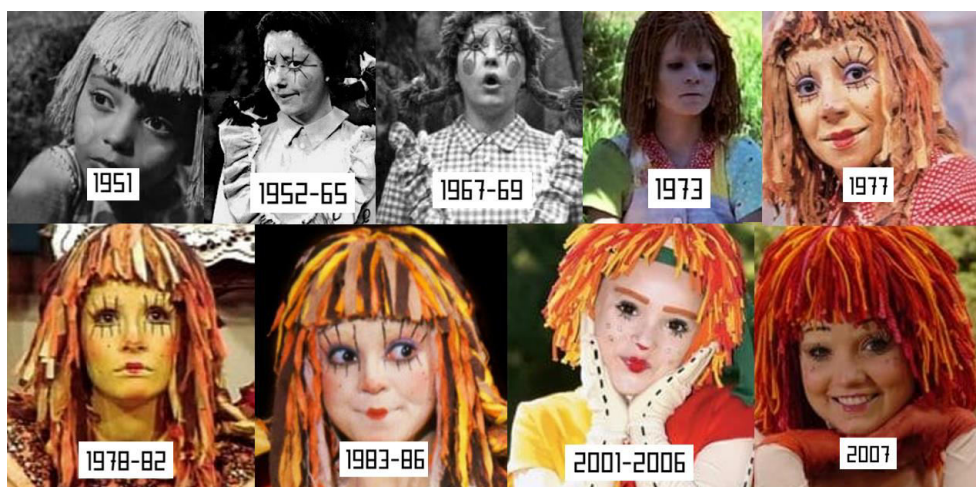


- Legenda: a) Emília, 1948: pelo designer Augustus (Augusto Mendes da Silva/1917-2008)
b) Emília desenhada pelo cartunista Manoel Victor de Azevedo Filho/1927-1995
c) Emília, no traço de J.U. CAMPOS – Jurandyr Ubirajara Campos.
d) Emília, pelo olhar de Jean Villin, em 1929, para o livro *O irmão de Pinocchio*

Fonte: <http://ameninacentenaria.bbm.usp.br/index.php/ilustradores/>

Em algumas imagens apresentadas até então observa-se a similaridade do traço com a figura humana e isto pode ter levado leitoras/es a confundirem a boneca com a personagem Narizinho. Porém, os traços realistas foram escolha de Monteiro Lobato e possivelmente dos parceiros artistas, em várias edições.

Figura 8 – Atrizes que interpretaram a personagem Emília na TV brasileira



Fonte: Disponível em: < <https://saopauloparacrianças.com.br/ai-meu-coracao-estrela-lanca-boneca-emilia-do-sitio-do-picapau-amarelo-no-centenario-da-personagem-de-monteiro-lobato/>>. Acesso em: 22 mar. 2022

Nota-se que para as inúmeras atrizes que atuaram como Emília há dois fatores comuns: todas usam peruca com supremacia de fitas ou lã colorida e uma forma de coração na boca. Na primeira versão (1951) e nas duas últimas, os cílios não são exagerados. O rosto amarelado é abandonado na década de 1980 em troca de sobrelhas marcadas. E a primeira interpretação da personagem por uma criança (2001-2006) é marcada por maquiagem e figurino “menos carregada” e pelos cabelos curtos. Além disso, a criança garante maior verossimilhança com o texto lobatiano (pacto ficcional), devido ao fato de ser mais baixa que as atrizes adultas. Também é possível conferir que a caracterização de 2001 aproxima-se do desenho da Emília, de 1947, do ilustrador André le Blanc.

A caracterização da personagem Emília, para a TV, nas décadas de 1970 e 1980, é criação do ilustrador Rui de Oliveira e certamente influenciou certas características formais das bonecas homônimas da Estrela: cabelos de fios, corpo colorido e estampado. Embora os cílios grandes compusessem a caracterização de Lúcia Lambertini (1952-65), Rui exacerba o recurso. Hoje, sendo um dos grandes nomes da ilustração nacional e leitor de Lobato, descreve parte do processo de criação do *ethos* (conceito) da Emília, em *Visualizando a Emília para a TV* (COSTA, 2019, s/p).

Para a criação dos bonecos e dos principais figurinos da novela, acredito que a maior dificuldade que tive, bem diferente dos ilustradores clássicos de Lobato, foi dar forma aos personagens em três dimensões. Aquilo que resultava bem nos desenhos de Voltolino, Belmonte, Villin, J. U. Campos e André Le Blanc não reagiam bem como figurinos para serem utilizados por atores. Aqui, os personagens seriam vistos de todos os ângulos, sempre lembrando que estávamos fazendo um espetáculo para a TV, com suas normas e convenções. Por outro lado, eu não poderia romper radicalmente com as já tradicionais imagens quase cristalizadas por meio de gerações e gerações de leitores. O primeiro problema, quando comecei a desenhar a Emília, foi a sua tradicional e desalinhada cabeleira preta. Nas ilustrações, era realmente engraçada, mas, na

TV, com a movimentação da atriz, resultaria em uma imagem feia e meio fantasmagórica. Utilizei, então, após muitos desenhos e testes, uma cabeleira de recortes de panos irregulares, como se fosse uma bruxinha. As cores eram de tons quentes de cádmio. A paleta de cores que fiz para todo o figurino da Emília era devido aos efeitos especiais obtidos no *chroma key*. A cabeça da personagem ficou alegre, os cabelos se movimentavam — tudo isso criou uma dinâmica que reagiu plasticamente muito bem no vídeo. Esse gênero de figurino é uma escultura em movimento, uma verdadeira arte cinética. Gostaria também de citar que os outros personagens da novela, e os cenários, eram do extraordinário e saudoso Arlindo Rodrigues.

Figura 9 – Ilustrações de Rui de Oliveira para a série Sítio do Pica-pau Amarelo, em 1977.



Fonte: Disponível em: <<https://coleccionadoresacis.com.br/2019/09/29/design-sitio/>>. Acesso em: 27 mar. 2022

Figura 10 – Desenhos de Rui de Oliveira para a série televisiva, em 1977.



Fonte: Disponível em: <<https://coleccionadoresacis.com.br/2019/09/29/design-sitio/>>. Acesso em: 27 mar. 2022

Conforme visto, o trabalho de Rui de Oliveira inspirou o design dos cabelos da primeira boneca Emília produzida pela Estrela. Porém, seria imprescindível o depoimento do/a modelador/a da cabeça de vinil para justificar sua preferência estética -em nossa opinião, arbitrária. A opção da Estrela pelo design híbrido (corpo têxtil e cabeça de vinil) retira a boneca de um lugar 100% artesanal e a coloca no patamar semi-industrial, procedimento otimizado na produção de seriação de brinquedos. Por sua vez, o corpo flexível confirma o conforto ao se carregar a boneca e, claro, a correlação com a escritura de Lobato.

No Brasil, há a tradição da boneca de pano, mesmo porque o país somente testemunhou a popularização da indústria do brinquedo a partir de 1940 com as importações de maquinário próprio pela Estrela. O artesanato nacional ainda é expressivo, mesmo que o preço das bonecas industrializadas esteja mais acessível. A boneca de pano tem uma representatividade muito grande na produção artesanal brasileira; basta observar as inúmeras feiras de artesanato e a plataforma de comercialização Mercado Livre. Presentear com boneca de pano é um ato que diz respeito ao afeto e ao tempo despendido na criação e manufatura, reafirmando relações fraternas e parentais.

Em *Folclore Nacional*, de Alceu Maynard Araújo, tem-se a confirmação das premissas acima:

Quem visita as feiras nordestinas ou os mercados das cidades interioranas do Brasil, poderá encontrar bonecas de pano de vários tamanhos, desde as miniaturas até às bruxas, para serem vendidas nas bancas. Verdade que nem sempre estão nas bancas, mas é uma senhora que oferece ao freguês que passa. O seu trabalho artístico de confecção de bonecas de pano lhe dará uns cobrinhos a mais para enfrentar as despesas. [...] Voltemos às bonecas de pano com as

quais a lúdica infantil se enriquece, feitas por artesãs anônimas, em todo o Brasil, principalmente onde os governos não puderam e não oferecem recreação dirigida à infância [...] (ARAÚJO, 1967, p.302).

Figura 11 – Ilustrações de Emília (início do século XX)



Legenda: a e b) Imagens de Voltolino (João Paulo Lemmo Lemmi/1884-1926), antes de Emília ganhar notoriedade com o público (1920)

c e d) Ilustrações do alemão Kurt Wiese/1887-1974, feitas por volta de 1924

Fonte: Acervo Magno Silveira. Disponível em:

<<http://ameninacentenaria.bbm.usp.br/index.php/ilustradores/>>. Acesso em: 22 mar. 2022

A FIGURA 11 traz ilustrações antigas de Emília, cujas formas correspondem à boneca de pano da narrativa literária. É justo, portanto, alegar que Lobato preencheu um lugar significativo na infância das meninas brasileiras que se identificavam com as bonecas caseiras, pois:

Havia poucos brinquedos industrializados em 1920, quando Emília foi criada. As meninas ricas costumavam ter bonecas de porcelana importadas, loiras e de olhos claros. Já as meninas pobres tinham bonecas de pano, feitas em casa. Monteiro Lobato valorizou a arte popular de produzir bonecas: Emília foi feita com retalhos de roupas da família (BIGNOTTO, 2019, p. 246).

Em um século, a boneca Emília passou por “numerosas mãos”: ilustradores reconhecidos e premiados, figurinista-ilustrador, profissionais do audiovisual, atrizes (pelos gestos cênicos e carisma), designers e artistas modeladores de bonecas – sem ficar aprisionada em um único protótipo: “[...] com o início da série da TV Globo, a fábrica Estrela produziu mais de 40 modelos de Emília, variando a roupa, tamanho e cor de cabelo. Com o relançamento da segunda série, a fábrica Grow lançou a boneca com as características da personagem na versão do ano de 2001” (ACIOLI, 2014, p. 87). Por outro lado, no Brasil, qualquer boneca que tiver cabelos de tiras coloridas e cílios grandes pode ser identificada como uma boneca Emília. Parece-nos legítimo sustentar que, de certa forma, a personagem lobatiana é uma identidade nacional: artefato lúdico brasileiro.

Nas últimas décadas, a transposição visual dos personagens do sítio, sobretudo da Emília representada em HQ (2D) e na série animada (3D), guarda referência dos traços dos desenhistas dos brinquedos homônimos, corroborando a identificação imediata dos personagens, como pode ser visto abaixo:

[...] a equipe de roteiristas, que era composta por profissionais das letras, escritores, editores e jornalistas, estudou a obra lobatiana para produzir as narrativas quadrinhísticas. Além disso, quando '[...] os próprios desenhistas começaram a se familiarizar com o universo lobatiano, adaptado pelos colegas redatores da equipe, estes também começariam a contribuir com roteiros além de adaptar os textos lobatianos [...]'. Desse modo, na história em quadrinho, Emília, Narizinho, Pedrinho, Dona Benta e Tia Nastácia tinham alguma semelhança com os atores que os interpretavam. Os cenários e ambientação das histórias eram bem próximos do que víamos na TV (JÚNIOR, 2020 p. 15).

Figura 12 – Emília (revistas e boneca)



- Legenda: a) Emília – revista (Ed. Globo), série em 18 edições, 2007
b) Capa de Ambrósio Dutra Moreira para o número 1 da revista (Ed. RGE), 1977
c) Boneca Emília “faladeira”⁸, da marca GROW, 42cm

⁸ A boneca Emília faladeira (Grow) repetia frases como: “Visconde, eu sou a Emília, Marquesa de Rabicó”; “Narizinho, eu sou a Emília”; “Visconde, eu tenho um plano”. Ainda sobre o produto: “Para divertir o dia a dia da criançada, a Grow traz a mais tagarela das personagens do Sítio do Pica-pau Amarelo. Emília faladeira é uma boneca de pano com aproximadamente 30cm que possui um

Fonte: Disponível em: <<https://excelsiorcomics.com.br/produto/sitio-do-picapau-amarelo-globo-8/>>.
Acesso em: 20 fev 2022

Conforme mencionado, a estética (forma) arbitrária da primeira boneca Emília da Estrela parece não ter sido um problema, tendo em vista a ótima aceitação pelo público; ainda hoje o objeto é nostálgico e colecionável. Todavia, é oportuno lembrar que, desde a adaptação da obra lobatiana para a TV, ou seja, na transposição da personagem Emília da literatura para a nova mídia, há um corte abrupto imagético quando se apresenta ao espectador uma boneca-humana (atriz). Para o espectador televisivo, introduzido à obra literária via TV, o processo inverso é menos radical: ele “carregará” adiante a imagética “humano-boneca” para sua leitura. É válido reforçar que somente nos anos 2000 Emília seria interpretada por uma criança, fato que reverbera associações perceptivas inéditas.

Figura 13 – Emília (ilustração, revistas e boneca)



Legenda: a) Emília, 1947, por André le Blanc
b) Primeira revista da nova fase, lançada em 2002 (Ed. Globo), com a atriz mirim Isabelle Drummond na capa
c) Ilustração de Roberto Fukue (Ed. Globo)
d e e) Boneca Emília: corpo de tecido e cabeça de vinil, da Baby Brink, modelada por Wilson Iguti, 2001

Fonte: AZEVEDO, Carmen Lúcia de. *Monteiro Lobato: furacão na Botocúndia*. São Paulo: Ed. SENAC SP, 1997, p. 331; Disponível em: <<http://alexandrehq.blogspot.com/2013/01/o-sitio-do-picapau-amareloapresenta.html>>. Acesso em: 20 fev 2022

sensor de som que responde a qualquer ruído. Ela fica quietinha enquanto te ouve, mas assim que você parar ela começa a contar suas histórias sobre o sítio e suas travessuras. Além disso, são mais de 100 (cem) frases divertidas e músicas para sua diversão. Sua filha não pode ficar sem essa amiguinha”. Disponível em: <<https://tudosobreprodutos.com.br/tudo-sobre-boneca-emilia-faladeira-grow#sobre>>. Acesso em: 20 fev. 2022.

Pode-se constatar que o design das bonecas Emília das marcas Grow e Baby Brink alcançaram maior similaridade com a personagem do gibi e da série televisiva do que até então. Mas tanto as Emílias da Grow e Baby Brink quanto as da Estrela desfrutaram adesão (empatia, humor além do vínculo imaginário com o Sítio do Pica-pau Amarelo) com crianças e adultos, em decorrência dos valores que a personagem literária, transcriada para a TV, possibilitou.

Para Claus Clüver, a transposição intersemiótica é a

[...] mudança de um sistema de signos para outro e, normalmente, também de uma mídia para outra – conforme o que se entende por mídia. [...] Em todo caso, no estudo de transformações e adaptações intermediáticas, deve-se, de preferência, partir do texto-alvo e indagar sobre as razões que levaram ao formato adquirido na nova mídia. Frequentemente, questões sobre a fidelidade para com o texto-fonte e sobre a adequação da transformação não são relevantes, simplesmente porque a nova versão não substitui o original. Mas, independente da maneira como nós olhamos a relação entre o texto-fonte e o texto-alvo e interpretamos a forma e as funções do novo texto, nós também nos indagamos de que maneira a intermedialidade influencia nossa recepção do texto-fonte (CLÜVER, 2006, p. 17-18).

A partir dessa definição comparativista de Clüver, entende-se que as bonecas da Grow e da Baby Brink são mídias-alvo, pois têm como “texto-fonte” as ilustrações e charges: disparadores criativos. Por seu turno, aqui se reitera que a primeira boneca Emília de vinil é arbitrária e não correspondeu ao texto-fonte: a obra de Lobato e/ou as ilustrações até 1977 – não obstante a enorme recepção do público infantil.

Ainda fica sem resposta o abandono da produção da primeira boneca Emília por parte da Estrela (sob o ponto de vista de um estudo comparativista), do primeiro modelo de 1954, cuja referência era Lúcia Lambertini, aproximava-se muito mais do universo lobatiano do que o modelo com cabeça de vinil (1977-78). Nesse contexto, convém questionar quais foram os aspectos formais que o(a) autor(a) ou equipe de modalegam da primeira Emília de vinil usou/usaram como referências? E qual seria o motivo da similaridade com o boneco Feijãozinho, de 1973?

Figura 14 – Boneca Emília (anos 1970) e Boneco Feijãozinho (1973)



Fonte: Disponível em: <https://produto.mercadolivre.com.br/MLB-2165554565-boneco-feijozinho-azul-antigo-estrela-JM#position=6&search_layout=grid&type=item&tracking_id=463c87cb-bc1e-4bcb-a943-6f3dc2392820>. Acesso em: 20 fev. 2022

A seguir, há duas imagens que contribuem com nossa reflexão, mostrando a Emília dos gibis (anos 1980), com a cara mais arredondada e que parece não ter aferido bons resultados sob a perspectiva da indústria de brinquedos, tendo em vista que não houve replicação do modelo à época.

Figura 15 – Capas de revistas com Emília



Legenda: a) Capa de Gustavo Machado para o número 2 da revista (Ed RGE)
b) Capa (início dos anos 1980), com a remodelação da personagem

Fonte: Disponível em: <<http://alexandrehq.blogspot.com/2013/01/o-sitio-do-picapau-amareloapresenta.html>>. Acesso em: 20 fev 2022.

Adiante, Emílias bem coloridas (amarelo, vermelho e verde) que tiveram como “texto-fonte” o design de Bruno Okada: nelas houve correspondência sígnica na transposição visual.

Figura 16 – Bonecas Emília



- Legenda: a) Desenho de Bruno Okada
b) Boneca de Pano – Emília Fofinha (Grow)
c) Boneca Emília, de cabelo rígido (Grow)
d) Boneca de cabeça de vinil, corpo de tecido e elástico, 65cm (Baby Brink)
e) Boneca de cabeça de vinil, corpo de tecido e elástico, 65cm (Baby Brink)
f) Boneca de pano Emília faladeira

Fonte: Disponível em: <<https://www.americanas.com.br/produto/1500980316#&gid=1&pid=1>
<https://www.magazineluiza.com.br/boneca-emilia-gigante-65cm-sitio-picapau-amarelo-baby-brink/p/dk0chgjeg0/br/babr/>>. Acesso em: 20 fev 2022

Considerações:

Figura 17 – Boneca Emília em várias versões



- Legenda: a) Boneca Emília, de 1954, com a atriz Lúcia Lambertini
b) Boneca Emília (1953)

- c) Desenho de Rui de Oliveira para a Emília da TV
- d) Boneca Emília, de 1977, com a atriz Dirce Migliaccio

Fonte: Disponível em: <<https://anacaldatto.blogspot.com/>>;
<<https://academiadeletrasdabahia.files.wordpress.com/>>;
<<https://coleccionadordesacis.com.br/2019/09/29/design-sitio/>>;
<<https://www.flickr.com/photos/30002654@N02/3944139221>>. Acesso em: 22 mar. 2022

Pode-se conferir à boneca Emília o predicativo de “identidade nacional”? É possível comprovar isso a partir do mapeamento opinativo das diferentes gerações que brincaram com a boneca, no território brasileiro? É correto pensar em “representatividade nacional” ainda que se reconheça a boneca Emília como mercadoria, produto de consumo, objeto cultural de captura capitalista, artefato de fetichização? Seria ela da ordem da cultura material ou imaterial? Emília pode ser considerada a boneca mais lembrada pela população brasileira? O contexto político-econômico brasileiro favoreceu a comercialização da boneca Emília uma vez que;

O processo de industrialização vivido entre as décadas de 1920 e 1940 atuou como um elemento dinamizador da sociedade brasileira. O modelo econômico baseado na agricultura cedeu lugar a um modelo agrário exportador que intensificou o desenvolvimento da sociedade brasileira e consequentemente da classe média. (BASTOS, 2012, p.4)

Reivindicar uma boneca com semelhança com o texto lobatiano é um *ethos* local x global ?

Para Stuart Hall, este “local” não deve,:

“naturalmente, ser confundido com velhas identidades, firmemente enraizadas em localidades bem delimitadas. Em vez disso, ele atua no interior da lógica da globalização. Entretanto, parece improvável que a globalização vá simplesmente destruir as identidades nacionais. É mais provável que ela vá produzir, simultaneamente, novas identificações “globais” e novas identificações “locais”.

No Brasil, hoje, apesar do grande volume de importação de brinquedos, ainda se produz muitas bonecas, sendo a Estrela a mais forte empresa do nicho (desde 1940, “já produzia 9 milhões de brinquedos por ano” (HEIMANN, 2008, p. 56). Além de adquirir maquinário próprio desde cedo, supriu o mercado nacional no momento que a Europa estava em guerra, configurando-se, assim, pioneira na tecnologia e na promoção de novidades nos brinquedos. Sobre sua primeira boneca:

Com 38cm, ela tinha corpo de tecido e rosto de massa. Era o começo de uma empresa que marcaria gerações de brasileiros. [...] As bonecas, que até o final dos anos 40 eram feitas em uma massa inquebrável, passaram a ser de plástico a partir da Pupi, uma boneca

articulada de 35cm, que ‘dormia e chorava’, lançada no início da década de 50. Logo na sequência a empresa investiu em bichinhos e bonecos de vinil, que eram mais flexíveis e indicados para crianças pequenas ou bebês.⁹

A Estrela, precursora de tecnologia empregada na fabricação de brinquedos, aventura-se a produzir, em 1954, uma Emília de pano. A iniciativa visava manter o *ethos* ficcional emiliano-lobatiano (boneca de retalhos feita por Tia Anastácia)?

O surgimento excessivo de mídias associadas ao Sítio do pica-pau Amarelo, nos séculos XX e XXI, evoca diferentes imagens, conceitos, identidades e estilos de cada década, atinentes aos personagens. O pacto ficcional dá-se de maneira mais evidente com a série de TV do que com a literatura. Então, as bonecas (design) e todos os designs oriundos do texto-fonte de Lobato possuem aspectos funcionais e valores simbólicos.

Se a boneca Emília foi e é adquirida e/ou desejada por crianças e adultos devido a camadas de significados e de fetichização é preciso lembrar que, para algumas gerações, tudo se inicia na literatura e termina no design (brinquedo); enquanto, para outras, começa na TV e finda nos brinquedos.

Nessa interação entre mídias e públicos, Emília e os outros personagens do sítio são “potentes”, e a cada um deles cabe a definição de objeto cultural identitário brasileiro. Sabe-se que “os artefatos produzidos pelo ser humano vão muito além da própria materialidade, pois dizem respeito às relações que as pessoas mantêm com eles” (MEFANO, 2005, p. 81-83). Assim, “faz-se necessário reconhecer a identidade como um elemento que necessita das intenções dos sujeitos e das relações sociais para ser construída e estabelecida” (CARVALHO, 2012, p. 14).

Arjun Appadurai, em **Introdução: mercadorias e a política de valor**, defende que os atores humanos codificam as coisas por meio de significações. Entretanto, sob a perspectiva metodológica, são as coisas em movimento que tornam inteligível seu contexto humano e social. Para Appadurai (2008, p. 19):

[...] por meio da crítica à concepção marxista da mercadoria, pretendo sugerir que mercadorias são coisas por um particular de potencial social, que se distinguem de “produtos”, “objetos”, “bens”, “artefatos” e outros – mas apenas em alguns aspectos e de um determinado ponto de vista.

O sociólogo Georg Simmel (1858-1918) havia antecipado que as coisas entram e saem do estado de mercadoria. Sob tal viés, recuperando a trajetória da boneca Emília, não se pode desatrelar seu valor monetário, o que não a exclui de ser um objeto estético (brinquedo), lúdico (fácil adesão), em trânsito (pode ser alterado) e híbrido (complexo, interdisciplinar, multimidiático e culturalmente sinalizado). Gui Bonsiepe, em **A tecnologia da tecnologia**, discorda de Jean Baudrillard (1929-2007) e do conceito de patologia do consumo:

⁹ PEREIRA, Giancarlo. A História e a saga da fábrica de brinquedos Estrela. **Coluna Opinião**. 14/12/2017. Disponível em: <<https://www.moneytimes.com.br/historia-e-saga-da-fabrica-de-brinquedos-estrela/>>. Acesso em: 20 mar. 2022.

Por certo, na sociedade capitalista, cada produto é também uma mercadoria. Isto não se pode negar; porém o caráter de mercadoria é um fato que deve ser aceito se se pretende intervir concretamente no mundo material e não retirar-se na posição relativamente cômoda duma crítica abstrata. Não se avança muito ao reduzir o desenho industrial ao fenômeno da mercadoria. Ademais, apesar de toda crítica que Baudrillard faz, muitas vezes justificada, contra a **patologia do consumo**, contra a acumulação dos objetos, questionáveis em seu valor social e psicológico, falta ainda uma demonstração convincente de como se vive numa sociedade complexa e diferenciada sem objetos (BONSIEPE, 1983, p. 31).

Por fim, as diferentes terminologias são correspondentes a diversas áreas – economia, marketing, antropologia e sociologia –, cada qual contrapondo/tendo como referência o embate ou aceitação do consumo. Sob a perspectiva do design, a obra **Análise do design brasileiro: entre mimese e mestiçagem**, de Dijon De Moraes, argumenta que o design brasileiro, através de um processo de hibridização e após décadas de aprendizagem,

começa a não se submeter mais às formulas pré-estabelecidas, tornando-se, assim, mais livre, expressivo e espontâneo, assimilando os variados aspectos de sua diversidade multicultural, assemelhando-se à própria cara do país, assumindo sua própria identidade plural (MORAES; 2006, p. 261).

Torna-se imperioso saber todas informações sobre a modelagem da primeira boneca Emília de polímero visando compreender todos os entrelaçamentos sobre a estética pois somente assim poder-se-á entender o contexto de sua criação. Não se compreende a Boneca Emília sem o contexto de Design e Sociedade e, assim, a pesquisa continua como “obra aberta” porque:

O design no Brasil se firma, após mais de quarenta anos do seu estabelecimento oficial, como consequência e espelho da sua própria heterogeneidade local. Desta vez, vista como positivo, porque capta com mais precisão o pluralismo étnico e estético do Brasil. Essas características curiosamente apontam para a convivência de valores e sentidos múltiplos, fluídos e dinâmicos. A experiência brasileira é, aqui, interpretada como um laboratório multicultural, que antecipa, em várias situações, os efeitos da globalização. Esse fato, a meu ver, apresenta o Brasil com grandes possibilidades de respostas junto às novas questões e aos novos desafios do mundo globalizado no âmbito do design. [...]. (MORAES, 2006, p.22)

Buscando compreender e criticar o design da boneca Emília com maior venda e circulação no Brasil – modelo híbrido, com cara de polímero e corpo têxtil, lançada na década de 1980 e reeditada em 2021, indaga-se: a Estrela, ao não optar por uma linha

totalmente artesanal, condizente à literatura lobatiana e à prática afetuosa das mulheres brasileiras em fazer boneca de pano, visava à produção estritamente tecnológica e acelerada? Fabricantes, designers e profissionais do marketing estavam presos à ideia de que o modelo de rosto vigente (boneca europeia) seria o único a assegurar o sucesso mercadológico de novas bonecas? Os fios sintéticos de lã eram mais fáceis de costurar do que se fossem de retalhos, como o *ethos* emiliano do ilustrador brasileiro Rui de Oliveira? Sem dúvida, a boneca Emília é “cultura material e imaterial”: um brinquedo que está imbricado com o consumo, de materiais, infância (simbólico) e com a história do design, da identidade “local-global”, e da cultura brasileira.

Referências

- ACIOLI, Socorro. **Emília**. Uma biografia não autorizada da Marquesa de Rabicó. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2014.
- APPADURAI, Arjun. Introdução: mercadorias e a política de valor. In: **A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural**. Niterói: Ed. UFF, 2008.
- ARAÚJO, Alceu Maynard. **Folclore Nacional**. Volume III. Ritos. Sabença. Linguagem. Artes e Técnicas. São Paulo: Melhoramentos, 1967.
- AZEVEDO, Carmen Lúcia de. **Monteiro Lobato: furacão na Botocúndia**. São Paulo: Ed. SENAC SP, 1997.
- BASTOS, Luciete de Cássia Souza Lima. **Memórias narrativas de um educador sertanejo: a correspondência entre Anísio Teixeira e Monteiro Lobato**. Eixo temático: Pesquisa fora do contexto Educacional. VI Colóquio Internacional Educação e Contemporaneidade. São Cristovão/ Sergipe, 20 a 22 de setembro de 2012.
- BIGNOTTO, Cilza. Curiosidades sobre Reinações de Narizinho. In: LAJOLO, Marisa [Org.]. **Monteiro Lobato: Reinações de Narizinho**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2019.
- BONSIEPE, Gui. **A tecnologia da tecnologia**. São Paulo: Edgard Blücher, 1983.
- CANCLINI, Néstor García. **A produção simbólica**. Teoria e metodologia em sociologia da arte. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.
- CARVALHO, Alecir Francisco de. **Design e identidade: estudo de casos aplicados ao Brasil**. Dissertação (Mestrado em Design) – Universidade Estadual de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.
- CECCANTINI, João Luís. De raro poder fecundante: Lobato editor. In: LAJOLO, Marisa [Org.]. **Monteiro Lobato: Reinações de Narizinho**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2019.
- COSTA, Andriolli. **Rui de Oliveira**. Estudos dos personagens para o Pica-pau Amarelo de 1976. Colecionador de sacis. 2019. Disponível em: <https://coleccionadordesacis.com.br/2019/09/29/design-sitio/>. Acesso em: 27 de mar. 2022.
- COSTA, Aramis Ribeiro. O teatro infantil de Adroaldo Ribeiro Costa. **Revista da Academia de Letras da Bahia**, n. 51, p. 31-47, jul. 2013. Disponível em:

<https://academiadeletrasdabahia.files.wordpress.com/2013/04/revista_alb_51.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2020.

CLÜVER, Claus. Inter Textus/ Inter Artes/ Inter Media. **Aletria**: Revista do Departamento de Estudos Literários da Pós-graduação da Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte, n. 14, p. 11-41, jul./dez., 2006.

DONDIS, Donis A. **Sintaxe da linguagem visual**: São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ERALLDO, Douglas. **10 Grandes ilustradores da obra de Monteiro Lobato**. Listas literárias. 2017. Disponível em: <<https://www.listasliterarias.com/2017/11/10-grandes-ilustradores-da-obra-de.html>>. Acesso em: 22 mar. 2022.

HALL, Stuart. **A identidade Cultural na pós modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HEIMANN, Alma. **Raízes de família**. São Paulo: Fast Print, 2008.

HOYUELOS, Alfredo. **A estética no pensamento e na obra pedagógica de Loris Malaguzzi**. São Paulo: Phorte, 2020.

JAKOBSON, Roman. **Linguística e comunicação**. Tradução de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1999.

JÚNIOR, José Elio da Mota. **A turma do Sítio do Picapau Amarelo adaptada em quadrinhos**. Monografia. (Especialização em Estudos Literários e Ensino de Literatura) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiás, 2020.

LAJOLO, Marisa [Org.]. **Monteiro Lobato**: Reinações de Narizinho. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2019.

LAJOLO, Marisa; CECCANTINI, João Luís [Org.]. **Monteiro Lobato**: livro a livro. São Paulo: Ed. UNESP: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009.

LINN, Susan. **Em defesa do faz de conta**. Preserve a brincadeira em um mundo dominado pela tecnologia. Rio de Janeiro: BestSeller, 2010.

LOBATO, Monteiro. **Aritmética da Emília**. 25 ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

Lobato, Monteiro. **Memória da Emília**. São Paulo: Biblioteca Azul, 2017.

LOBATO, Monteiro. **Memórias da Emília**. São Paulo: Brasiliense, 1954.

LOBATO, Monteiro. **Memórias da Emília**. 42 ed. São Paulo: Brasiliense, 2002.

LOBATO, Monteiro. **Reinações de Narizinho**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2019.

MEFANO, Ligia. **Design de brinquedos no Brasil**: uma arqueologia do projeto e suas origens. Dissertação. (Mestrado em Artes & Design) – Departamento de Artes & Design, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

MELLONI, Rosa Maria. **Monteiro Lobato**; a saga imaginária de uma vida. São Paulo: Plêiade, 1998.

MORAES, Dijon de. **Análise do Design Brasileiro: entre mimese e mestiçagem**. São Paulo: Edgard Blucher. 2006.

MOSER, Walter. As relações entre as artes: por uma arqueologia da intermedialidade. **Aletria**: Revista do Departamento de Estudos Literários da Pós-graduação da Faculdade de Letras da UFMG, n. 14, p. 42-65, jul./dez. 2006.

NORMAN, Donald A. **O design emocional**: por que adoramos (ou detestamos) os objetos do dia a dia. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

PARREIRAS, Nínia. **O brinquedo na literatura infantil**. Uma leitura psicanalítica. São Paulo: Biruta, 2008.

PENNA, Eloisa Camargo. **Expressiva modelagem manual de Wilson Iguti**. Dissertação. (Mestrado em Educação, Arte e História da Cultura) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2016.

PLAZA, Julio. **Tradução intersemiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2001.

SANTAELLA, Lucia. **A percepção**: uma teoria semiótica. São Paulo: Experimento, 1988.

WINNICOTT, D. W. **O brincar & a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.